

Uneal/Maceió

Quero, em primeiro lugar, agradecer à UNEAL pela honra que está me concedendo. Em geral, aqueles que são agraciados com tais títulos, começam seu discurso de agradecimento com a falsa modéstia de declarar a homenagem imerecida. O lugar comum enjoado do “não mereço”, “não estou à altura”, “fulano é melhor”, e coisa e tal. Pois eu começo o meu com uma declaração peremptória, muito simples e sincera, do fundo de meu coração: eu não mereço mesmo tanta honra, não fiz nada para merecê-la!

Mas já que estou aqui, vou contar a vocês um pouco de minha vida e o que penso dela, a própria vida.

Eu era criança, ainda em Maceió, e tinha uma babá de nome Bazinha, uma negra baixinha, muito velha e carinhosa, que me botava pra dormir cantando canções e contando histórias que, para mim, só ela devia conhecer. Numa dessas histórias, Bazinha dizia que o Zumbi dos Palmares ainda estava vivo, escondido nas matas da Serra da Barriga, e que ninguém o pegava porque o Zumbi sabia voar.

Não preciso falar da impressão que essa história produzia em mim, nem da importância que ela teve ao longo de minha vida de cidadão e artista brasileiro. Sem nenhuma dúvida, o Zumbi se tornou, mesmo em meu inconsciente, um super herói para mim.

Mais recentemente, comecei a entender melhor aquela história da Bazinha e porque ela me impressionava tanto. Nenhum inimigo alcançava o Zumbi, porque ele sabia alçar vôo acima de suas cabeças, longe da perfídia de suas armas vulgares, aquelas que só podem ferir quem não é capaz de deixar o duro chão do que costumamos chamar de realidade. O Zumbi sabia voar.

Hoje, são os pensadores e os artistas brasileiros que têm a obrigação de aprender a voar. Estamos vivendo num país que nunca esteve tão dividido como agora, um país que se desmantela política e culturalmente entre ódios falsos e falsas ideias sobre um futuro que já cortejamos tanto. Um futuro que nunca chega e, às vezes, até parece que já passou.

Durante a ditadura militar, era até mais fácil pensar o Brasil daquele momento. Tínhamos todos o mesmo horror ao que nos sucedia, estávamos todos unidos contra o monstro que nos sufocava. Ninguém duvidava de que a luta prioritária era contra o autoritarismo, a ausência de liberdade para tudo. Da esquerda mais radical ao mais radical liberalismo, ninguém precisava pensar muito para se unir em torno dessa ideia de superação da ditadura. Ninguém precisava voar.

Hoje, apesar das causas justas, de todas as justas críticas que fazemos a governantes e políticos em geral, da necessária denúncia dos escândalos de corrupção e desgoverno, estamos infelizmente também usando nossa liberdade para nos autodestruir. Enquanto nos iludimos a imaginar que tentamos apenas acabar com um inimigo comum, atingimos muitas vezes a liberdade de outras pessoas, às quais não damos o direito de pensar diferente de nós. Esses “inimigos”, invenção de nossa histeria, devem ser eliminados por pensarem diferente de nós.

É nosso dever combater as ideias com que não estamos de acordo. Mas nenhum pensamento, mesmo o mais perverso, merece ser eliminado porque não concordamos com ele. Essa é, na verdade, a única garantia de que vivemos uma cultura democrática.

A cultura é sempre uma produção de protótipos, produtos únicos que, quanto mais únicos, melhores são. Não somos uma economia de mero consumo, como a de geladeiras ou a de automóveis, cuja produção depende do número de consumidores possíveis e previsíveis. Nossos produtos

correm sempre o risco de não serem entendidos no seu tempo. Ou, simplesmente, não corresponderem às necessidades do tempo em que forem produzidos. É da nossa natureza correr esses riscos.

Com a ajuda dessa cultura, precisamos refundar o Brasil já, reinaugurá-lo do ponto de vista político e institucional, do ponto de vista de sua economia e da gigantesca desigualdade social em que vivemos. Precisamos dar um fim à tradição da escravidão em nossa história, aos males deixados pelas oligarquias que nos governaram e ainda governam. Dar um fim à dor da fome em nosso país.

Precisamos começar de novo e, para reinventar o Brasil, precisamos sobretudo entender seus hábitos e mitos, seus costumes e desejos, traduzidos por seus pensadores e artistas. Por sua cultura enfim.

Essa invenção do Brasil não pode ser construída com um pensamento excludente, que precisa eliminar o seu contrário para existir, que propaga o ódio à diferença. Nós, que somos o resultado de um cadinho de culturas, que somos o único país do mundo originado de uma improvável sopa ibérico-afro-indígena, não podemos desprezar nenhuma fonte natural do que somos.

Apesar de toda a injustiça cometida ao longo da história, sempre sonhamos com uma cultura mestiça numa sociedade miscegenada, que sempre foi apenas um mito nunca realizado. Mas onde existe um mito, existe necessariamente um projeto, mesmo que seja inconsciente. E esse projeto, de vez em quando, se revela entre nós. Como na adoção do samba de origem africana como a música brasileira por excelência; ou na eleição do índio como símbolo popular da pátria, num certo romantismo, como o de Gonçalves Dias e José de Alencar, e no modernismo paulista de “Macunaima”.

Isso nos faz diferentes de outros países, com formações semelhantes à nossa, onde as origens culturais e raciais são

tratadas primariamente como inconciliáveis. Como escreveu Antonio Risério, o antropólogo baiano, se Martin Luther King fosse brasileiro seria certamente um pai de santo. É um desatino, em todos os sentidos, considerar a questão racial e cultural do Brasil semelhante a outra qualquer e tratá-las por igual. Somos outra coisa.

Festejando seus 200 anos de emancipação, Alagoas tem um papel a desempenhar na construção desse novo Brasil. Sua história cultural tem a grandeza de, entre outros, Pontes de Miranda, Théo Brandão e Aurélio Buarque de Holanda; assim como dos dois Diégues Junior, meu avô e meu pai. A consagração de escritores como José Lins do Rego, paraibano que por aqui viveu, Graciliano Ramos e Jorge de Lima, o maior poeta brasileiro de todos os tempos e estilos. A beleza sofisticada da música de Hermeto Paschoal e Djavan; ou a de artistas do povo como Jurandir Bozo, Xau do Pife, Zeza do Coco, Nelson da Rabeca. A tradição e a novidade, ambas explosivas, do audiovisual de Celso Brandão e Renê Guerra. Ou os mestres da cultura popular que o reitor Jairo Campos coleciona e conhece tão bem.

Uma vocação evidente para a criação e a poesia, vivendo entre a miséria humana e a exuberância da geografia, nessa mistura de exaltação e melancolia que somos nós.

Não tenho mandato para dizer aos pensadores e artistas alagoanos o que eles devem fazer agora. Para falar a verdade, eu mesmo não tenho muita certeza sobre o que devo fazer para ser fiel ao que proponho. Não tenho nostalgia do passado, nem me dedico a enviar mensagens para o futuro. A fonte de meus sonhos está no presente, em minhas observações sobre o estado do mundo que divido com quem convivo, os meus contemporâneos. Quero encantá-los e fazê-los pensar com meus filmes, sempre a favor da vida.

Como está em Jorge de Lima, meu poeta favorito,

“Debruça-te sobre tua voz e escuta as vozes que vêm nela.

*As ressonâncias de ti próprio que nasceram contigo.
Os bramidos dos ventos nas tuas velas rotas”.*

Confiando em nossas velas rotas, mas justas e fiéis, aprenderemos a voar como o herói de Bazinha, o Zumbi dos Palmares.

Muito obrigado a todos vocês pela honra que estão me concedendo hoje. Sem falsa modéstia, espero estar à altura dela.

Boa noite a todos.